

## EDITORIAL

### AMAZÔNIA SOB DIVERSOS OLHARES - UM DOSSIÊ

Karen Adami Rodrigues\*

**E**m dois mil passados cinco, resolvi mudar minha vida, migrar do Rio Grande do Sul para a Amazônia Sul Ocidental, Acre. Na bagagem iam as informações e meus anseios de bióloga, paleontóloga e educadora ambiental amadurecida pelo tempo, com um ideal e expectativas que me fizeram deixar a família no sul e meu trabalho como professora estadual por vinte e sete anos, e iniciar uma nova caminhada em um continente tão discutido na imprensa falada e escrita como nos meus primeiros livros de graduação, onde o centro das discussões entre os ecologistas da época era a interferência do homem sobre a natureza.

Meu sonho era desembarcar em um local distante e isolado na Amazônia onde a presença humana na floresta se desse em um convívio perfeito e equilibrado com a natureza. Aceitei o desafio de fazer parte da construção da chamada Universidade da Floresta, constituída pelo MEC, MCT e MMA em parceria com a Universidade Federal do Acre. Uma Universidade que levaria o conhecimento científico às comunidades distantes, onde ocorreria a interlocução entre os saberes científico e tradicional.

Iniciava-se a chegada de poucos colegas de diversas áreas do conhecimento, jovens mestres e doutores cheios de expectativas e encantados com a beleza de uma cidade isolada em meio à Amazônia, Cruzeiro do Sul, no estado do Acre.

---

\* Professora do Centro de Desenvolvimento Tecnológico – CD Tec – Universidade Federal de Pelotas-UFPEl. Pelotas, Rio Grande do Sul – RS, Brasil. E-mail: karen@pq.cnpq.br

Para nosso encantamento descemos em um aeroporto bem estruturado, cidade asfaltada, com boa estrutura hoteleira, boas escolas e um povo incrivelmente hospitaleiro e amável. Três cursos já estavam estruturados no Campus Universitário, Letras, Inglês vernáculo e Pedagogia, que completavam quinze anos de construção na educação da região.

Chegávamos à terra de Chico Mendes, assassinado pela causa e ideais ambientalistas, que comoveu todo o mundo por sua luta contra a exploração do povo da floresta, formulando de maneira convincente a argumentação de que a melhor maneira de proteger as florestas do Acre da devastação descontrolada era proteger os seringueiros e os índios que as ocupavam. Tudo fazia-nos sentir como pessoas especiais, com uma missão de constituir diálogo com comunidades no ponto mais biodiverso do planeta, em anfíbios, répteis e palmeiras; eu uma paleontóloga em meio ao registro de uma megafauna fóssil como em nenhum outro lugar do Brasil, e educadora ambiental em meio a Reservas Extrativistas idealizadas por Chico Mendes. Tudo isso me encantou e me fez logo de imediato embarcar e partir para os desafios que nos eram apontados: Como ensinar sobre Amazônia sem a conhecermos? Quem são os verdadeiros habitantes da Amazônia? Como são as nações indígenas? Como realizar interlocução de saberes sem conhecer o ambiente? Como e de que forma seremos recebidos pelas comunidades?

Erguemos as mangas e começamos a pensar projetos e infraestruturas para a nova Universidade, com uma união e energia inicial que parecia nos ofertada pela floresta.

Desafio aceito, iniciamos nossa viagem de reconhecimento nas Reservas Extrativistas, nas comunidades ribeirinhas e nas comunidades indígenas. Saímos de Cruzeiro do Sul até o município de Marechal Thaumaturgo de Azevedo, de barco pelo rio Juruá, uma viagem de três a quatro dias, em barco comum, ou de um dia em barco do tipo “voadeira”. A área da Reserva Extrativista do Alto Juruá (RESEX) está inserida em um bioma que apresenta macro-ecologicamente, pelo menos, quatro tipos de florestas tropicais, de terra firme não inundada, sendo uma com cobertura vegetal densa e a outra aberta. Embarcados em voadeiras, atravessando rios de balsas, trafegando em estradas em construção, alguns de nós sozinhos, outros em grupos pequenos, mas cada um tentando desbravar o ambiente desconhecido a sua maneira, utilizando recursos próprios. As imagens captadas pela retina e presas em minha alma seriam impossíveis de retratar neste Editorial, mas algumas impressões importantes relato de forma resumida para a compreensão de qual das amazônias aprendi a respeitar e amar.

Ao chegar numa comunidade na Reserva Extrativista do Alto Juruá, a primeira Reserva Extrativista do país, fomos recebidos com alegria e risos pela gurizada,

com uma boa garrafa de café preto e um bom prato de açaí com farinha. À noite, antes de armarmos nossas redes na casa nos ofertada para pernoitar, fomos vendo as pessoas chegando com seus filhos no colo, em uma escola erguida com madeiras da floresta com frestas no chão e nas paredes, para ouvir aqueles estranhos que chegavam à comunidade, os professores da chamada Universidade da Floresta. Sentamos e perguntamos como a nova Universidade poderia auxiliar a comunidade, ouvi estarecida e emocionada de um professor de geografia que ministrava aulas na escola multi-seriada, a urgência de contribuição de livros, pois não tinha um sequer para mostrar a seus alunos, talvez não houvesse a percepção do livro maior ao redor da escola, a floresta, mas com certeza era preciso e urgente o contato com os livros.

Começou neste momento minha visão de qual Amazônia estava vivendo, onde, em muitos anos, pesquisas foram realizadas, livros editados, teses escritas sobre aquelas comunidades, porém muito pouco ou quase nada recebia de retorno. Falo da ética do pesquisador cidadão, de sua responsabilidade social e civil para com as comunidades, o objeto de sua pesquisa. Deparamo-nos com estruturas abandonadas em meio a comunidades, como num ensaio de projeto inacabado idealizado por pesquisadores de Universidades distantes do Acre, que gerou durante anos expectativas na Reserva Extrativista do Alto Juruá. As RESEX foram definidas pelo Decreto Nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990, Art. 1º - *“As reservas extrativistas são espaços territoriais destinados à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista. As RESEX representam também a busca por um modelo diferenciado de desenvolvimento, de economia, de inclusão social e melhoria de qualidade de vida das populações locais, além da valorização do patrimônio cultural desses grupos.*

As primeiras RESEX foram criadas no ano de 1990 nos estados do Acre, Amapá e Rondônia, e o modelo expandiu-se da Amazônia para outros biomas e outros tipos de ecossistemas brasileiros.

Essas reservas foram criadas com o objetivo de aliar a necessária preservação de áreas de grande biodiversidade como um implemento na qualidade de vida da população que já habitava essas localidades. Enfrentando inimigos da região, e criando uma nova forma de viver e pensar, na tentativa de desligar-se do padrão de consumo da sociedade contemporânea, como um modelo de estratégia de conservação.

Além dessa experiência outras tantas nos chamaram a atenção e, lembro de meu retorno da Reserva Extrativista, em um choro compulsivo, me sentindo absolutamente revoltada pela forma como vim do sul pensando a Amazônia.

O homem no meio a floresta, na beira dos rios, nas reservas extrativistas, nas comunidades indígenas ou mesmo na cidade, necessitava mais do que eu pensava, necessitava de políticas públicas competentes, sem fachada, sem delongas, não

precisava de propagandas, mas de pessoas imbuídas de verdades, sem vaidades pessoais, reconhecidos pelas suas concepções de levar adiante seus projetos e não abandonarem o homem da floresta em meio a tantas expectativas. A Reserva do Alto Juruá me deixou emocionada, principalmente pelo abandono e pela falta de um Plano de Manejo durante dezenas de anos.

Inúmeros foram os problemas mapeados nos últimos anos na Reserva Extrativista do Alto Juruá, tais como: moradores do Município de Marechal Taumaturgo se apossando de áreas dentro da unidade, especialmente grandes comerciantes e empresários, para a criação de gado; crescimento populacional de algumas comunidades levando o loteamento do território dessas comunidades e mesmo de comercialização desses lotes entre moradores; multiplicação de casos de populações e grupos que se denominam indígenas reivindicando áreas da Unidade, o que pode ocasionar possível prejuízo de território para a população extrativista que tradicionalmente ocupa a região; recentes invasões de outras populações indígenas em parte do território, que podem vir a reivindicar também uma terra indígena, ocasionando duplicidade de ocupação territorial. As fazendas, criação de gado, cavalos e, o aumento da população na RESEX, têm como uma das consequências o desmatamento e mais pessoas submetidas a doenças endêmicas sem atendimento imediato à saúde. Na realidade, há muitos anos seus habitantes reúnem-se para serem vistos e ouvidos, não apenas pelo seu saber tradicional, mas como cidadãos preocupados com a sua sobrevivência e a da floresta. O homem da floresta e a Amazônia não necessitam de teses de mestrado e doutorado fechadas nas bibliotecas de Universidades do mundo inteiro, mas precisamos transformá-las em conhecimento acessível às suas escolinhas à beira dos rios, necessitam do conhecimento do potencial farmacológico tradicional transformado em conhecimento científico, para melhorar sua saúde, e possibilitar futuros medicamentos à população mundial.

E aí vem a minha falta de otimismo, pelo uso descabido da ingenuidade do povo; da omissão de políticos que só sobem os rios em época de campanha eleitoral; de intelectuais que conhecem e reconhecem a Amazônia e seus problemas socioambientais, mas esquecem ou apenas a incorporam em seus projetos para notabilidade internacional; pelas práticas de “*marketing*” de programas de governo, que na verdade vendem a tranquilidade de viver na floresta, mostram a vida como se ali nada fosse necessário além do que a própria convivência homem e floresta; de leis discutidas longe da realidade e muito distantes das próprias necessidades. A forma como as comunidades se deslocavam nos rios, em busca de unidades de saúde e educação, o abandono institucionalizado ficou marcado em cada um de nós.

Por outro lado, a visão do índio sobre a floresta e a cidade, sua capacidade de organização e a dialogicidade tornou possível a constituição da Escola da Floresta,

a Escola Yorenka Ætame, que significa Saber da Floresta. Numa visão de cenário cinematográfico, uma escola em uma das curvas do rio mais meandrante do mundo, Rio Juruá, leva para as comunidades ribeirinhas a concepção ideal de vida do homem na floresta e os ensinamentos indígenas ao homem da Reserva Extrativista e as escolas da região.

A Floresta Amazônica era mais do que eu, bióloga vinda do sul, concebia, entendia ou pretendia, era muito complexa, exigia uma visão muito além do que eu supunha.

Este relato dentro de um editorial é a tentativa de estender um olhar ao leitor sobre onde e porque a Amazônia precisa ser revista e revisitada, a partir de sua diversidade cultural, da regionalidade, de um continente bio-sócio e etnicamente diverso. Estratégias geopolíticas estão implantadas na Amazônia, mas onde estão as estratégias socioambientais? As estratégias educacionais? De saúde pública? Quais são as políticas públicas reais e eficientes? Como os educadores da Amazônia efetivamente atuam em educação ambiental? Como se dá a investigação biotecnológica pela academia? Que visão histórica precisa ser resgatada para a compreensão da real ocupação da Amazônia?

Escrever sobre a Amazônia, editar um dossiê completo, seria uma tarefa quase infinita, exigindo todo o tempo dos editores e de inúmeros autores, dada a complexidade de seus componentes, Amazônia brasileira, peruana, boliviana, venezuelana, várias amazônias compreendendo aspectos sociais, ambientais, econômicos e físicos diversos e adversos.

Meu convite à leitura dos artigos, resenhas, ensaios e resumos deste volume é um convite à reflexão e um olhar especial, mesmo que inicial, do leitor à diversidade e urgências da Amazônia, muito além da concepção da floresta brasileira.

Agradeço a todos os colaboradores, autores e, em especial, ao professor Marcos Antonio dos Santos Reigota, pelo convite ao desafio e pela confiança de constituir um dossiê da Amazônia, à UNISO, pelo compromisso e responsabilidade com a Educação e Cultura planetária.

